



UPILE **REVISTA**

"O Guardião das tuas Memórias"

4ª EDIÇÃO



UPILE REVISTA

**COBERTURA DE EVENTOS
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;
BRANDING E PRODUÇÃO DE
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE
COMUNICAÇÃO E
MARKETING
(INSTITUCIONAL OU
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com



"A MULHER NÃO PRECISA DE SER CELEBRADA, ELA DEVE CELEBRAR-SE"
Alice Castigo Binda Freia

CC 2026

www.revistaupile.com

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 4ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Revista Upile

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 50

Número de Páginas: 61

Ano: 2026



NOTÍCIAS

08



ENTREVISTA

20



OPINIÃO

26



COLUNA

31



DEVANEIOS

36



ESPECIAL MULHER

43



ENTRE VERSOS

56



MINHA BIO

58

Caros leitores, a Revista Upile, em mais uma edição, desta feita, a 4ª, apresenta uma proposta apetecível e bastante inspiradora, com histórias impactantes e matérias que Homenageiam a Mulher.

Esta temática surge a propósito da passagem do Dia Internacional da Mulher, assinalado a 08 de Março, um mês marcado por várias lutas e conquistas das mulheres.

Temos consciência que, apenas com esta edição, não conseguiríamos mostrar o quão grandiosa a mulher é, ainda assim, celebramos-te.

A mesa redonda com a Governadora do Niassa na Universidade Rovuma sobre género, liderança e desenvolvimento sustentável, serve de partida para esta viagem, onde outras matérias como Café com Deus, organizado também por Mulheres da Igreja Visão Cristã de Lichinga ou a Retoma do Sarau Cultural, são outros conteúdos que marcaram as notícias do mês. E porque o mês foi todo dedicado às mulheres, a Grande Entrevista com Alice Freia, PhDa., Directora da Universidade Rovuma assim como outras homenagens às mulheres, desde artistas (Grupo Cultural Catigongo), desportistas ou lideranças tradicionais, tornam esta edição mais atractiva.

Durante o nosso percurso, temos criado muitos amigos e ficamos muito felizes. Ver a nossa revista crescer em espaços sem fronteira, faz-nos acreditar que podemos alcançar mais leitores. Faça parte desses leitores e estenda o nosso alcance para mais longe. Contamos contigo.



NOTÍCIAS

GOVERNADORA DO NIASSA E UNIVERSIDADE ROVUMA BALANÇAM A LIDERANÇA FEMININA EM LICHINGA



Num mês marcado por 08 de Março, Dia Internacional da Mulher e nas vésperas de 07 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana, de Mulher para Mulher, com olhares carregados de expectativas, num ambiente dominado por todas presenças, a Governadora do Niassa, Elina Judite da Rosa Victor Massengele, traçou sua trajectória numa temática cuja moderação, também falou o idioma do género na voz e condução de Alice C.B.

Freia, PhDa., Directora do Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências da Universidade Rovuma- Niassa.

A mesa redonda organizada no Anfiteatro do Campus Universitário de Nángala, não foi intercalada apenas por cadeiras, houve poesia, mas também solenidade, e acima de qualquer formato, coube em torno dela, uma reflexão sobre as "Mulheres na Liderança e no Desenvolvimento Sustentável do Niassa: Caminhos para Direitos Iguais e Empoderamento". E do lado da plateia, encontravam-se académicos, governantes, escritores, estudantes, liderança comunitária, entre participantes de outras tripulações, para um diálogo profundo e inclusivo, sobre o papel da mulher na construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Numa comunicação marcada pela autenticidade e encorajamento, a Governadora do Niassa, destacou a necessidade de a mulher assumir posições de liderança, defender os seus direitos, contribuir de forma sustentável e, acima de tudo, mostrar que é capaz e merecedora da posição. E dirigindo-se às mulheres, parafraseou:



"Mulher, não desista dos seus sonhos. É difícil, sim, mas não é impossível. O nosso percurso não deve ser feito apenas de coisas boas, mas também de desafios."

Diante do auditório, a timoneira do Niassa, destacou as ferramentas essenciais para a liderança feminina, tendo apontado a empatia, a comunicação, resiliência, trabalho em equipa, a promoção da igualdade e equidade de género, bem como a liderança no desenvolvimento sustentável e inclusivo da província de Niassa. Falou como líder, mas foi na pele de mulher, que apelou à sociedade num investimento da educação e formação profissional das mulheres, apoio à iniciativas comunitárias lideradas por mulheres e promoção da consciencialização sobre os direitos, a igualdade e a equidade de género.



Por sua vez, a Directora da Universidade Rovuma, enfatizou a importância do conhecimento como base para o empoderamento feminino, onde os resultados não são julgados pelo género. E, deixou ficar um apelo firme e encorajador: que as mulheres sejam fortes, resilientes e que nunca desistam dos seus sonhos, independentemente das dificuldades encontradas ao longo do caminho.



O evento revelou-se um espaço de partilha, inspiração e fortalecimento do papel da mulher na sociedade, reafirmando a necessidade de acções concretas para a promoção da igualdade de género e do desenvolvimento sustentável. Mais do que um debate, foi um verdadeiro chamamento à prática, onde se reforçou que o futuro de Niassa passa, inevitavelmente, pela valorização e inclusão activa das mulheres em todos os sectores da vida política, social, económica ou académica.

LUCIANO AGUACHEIRO E O PODER DA PERSISTÊNCIA NO EMPREENDEDORISMO EDUCATIVO



Na cidade de Lichinga, em Niassa, nasce uma história marcada por coragem, resiliência e propósito. Luciano Almeida Aguacheiro, natural de Quelimane, na Zambézia, é hoje um nome associado à transformação educacional, onde encontrou no empreendedorismo educativo não apenas um caminho profissional, mas uma missão de vida.

No entanto, foi no empreendedorismo educacional que encontrou a sua verdadeira vocação. Tudo começou em 2017, após concluir o ensino médio e alguns cursos técnicos, diante da incerteza e do receio de uma vida estagnada, decidiu agir.

Movido pelo desejo de partilhar conhecimento e de não permanecer inactivo, começou a ensinar crianças do seu bairro que enfrentavam dificuldades de leitura. O que parecia uma pequena iniciativa rapidamente se transformou numa força motivadora que o impulsiona até hoje.

Mas o percurso não foi fácil. Houve momentos de interrupção, e quando retomou as actividades, o número de alunos havia diminuído drasticamente. Chegou a ensinar apenas uma criança, debaixo de uma árvore, cenário que simboliza tanto a humildade do começo quanto a grandeza da sua determinação.

Ainda assim, Aguacheiro não desistiu. Com o passar dos anos, enfrentando dificuldades constantes, manteve-se firme. Hoje, cerca de nove anos depois, aquele pequeno gesto tornou-se um projecto sólido. O seu Centro de Explicação não só cresceu, como também se tornou uma referência em Lichinga, garantindo sustento para si e para tantos outros jovens.

Para o MC, comunicador e Docente, o sucesso tem nome e sobrenome. Persistência e Consistência. E de sobra, ainda fala do Compromisso como endereço que cada pai e/ou encarregado de educação busca no centro. Mais do que ensinar, o seu trabalho impacta vidas.

Para os jovens, deixa reflexões profundas e directas: *"Do que adianta reclamar se nada fazes para mudar a tua situação? De que vale questionar se dará certo ou não, se ainda não colocaste a mão na massa?"*

Ele desafia a mentalidade acomodada e reforça que o caminho não é fácil, mas é possível:

"Quem disse que as coisas devem ser fáceis? Quem disse que com força de vontade não conseguirás alcançar o que almejas?"



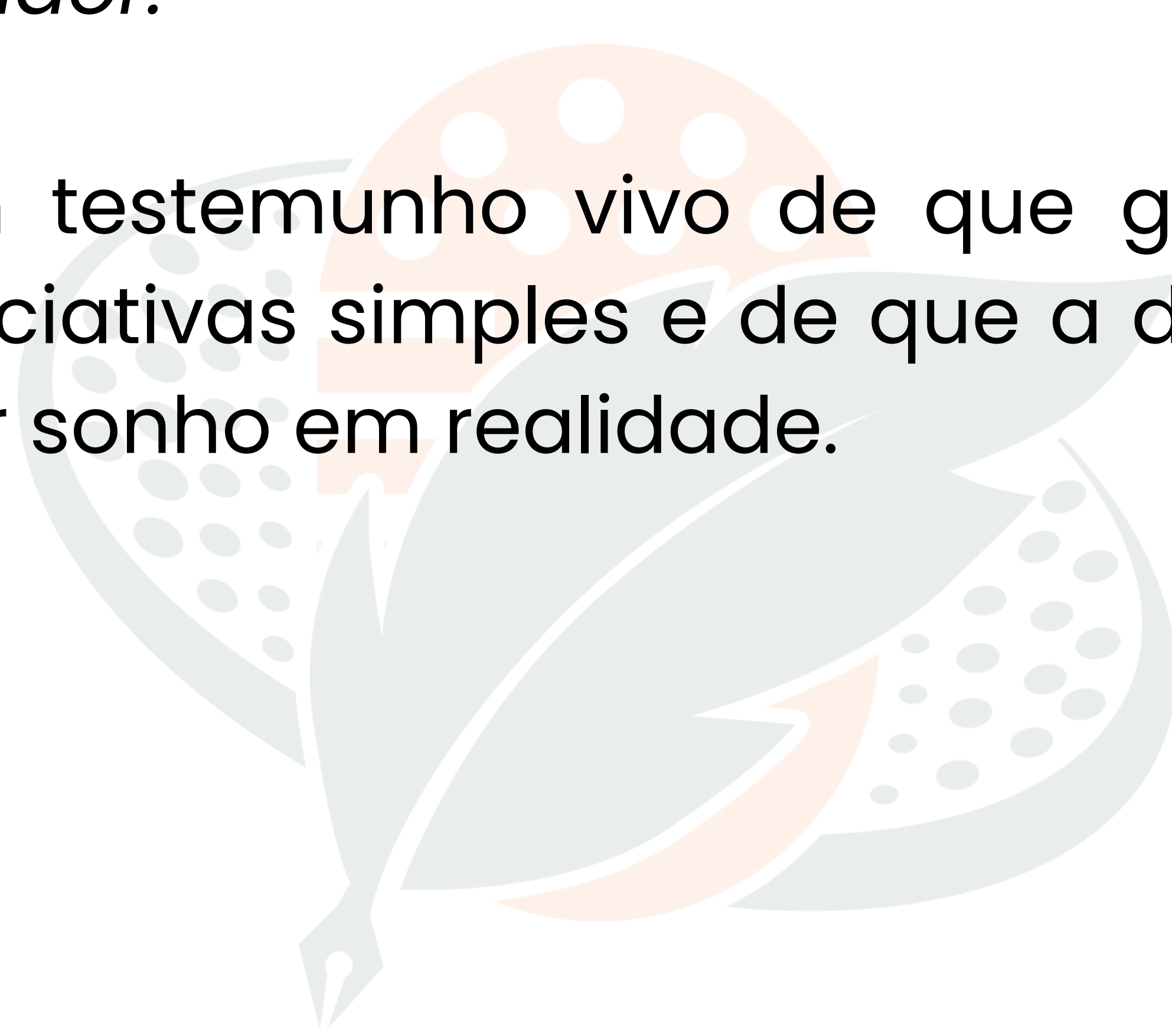


Para Luciano, tudo começa com o autoconhecimento, antes de tentar conhecer o mundo, conhece-te a ti primeiro. Só assim, percebe-se que a vida é simples, mas, por vezes, é complicada pelos próprios actores.

O Empreendedor educacional deixa um conselho essencial: os sonhos devem ser maiores do que os prazeres momentâneos da vida, caso contrário, dificilmente serão alcançados.

E no fim, deixa a sua visão de forma clara e honesta: *"Empreender é bonito, mas é desafiador."*

A sua história é um testemunho vivo de que grandes conquistas podem nascer de iniciativas simples e de que a determinação pode transformar qualquer sonho em realidade.



CAFÉ COM DEUS: MULHERES DA IEVC REFLECTEM SOBRE O PAPEL NA SOCIEDADE



A tarde de 25/03 não foi igual a outras na Igreja Evangélica Visão Cristã em Lichinga. As Mulheres da igreja e não só, com todos atributos e vaidades realçadas, esbanjaram orgulho, embora humildes ao senhor. Com presenças enfeitadas, serviram café em formato da palavra, mas também de outros aperitivos para adoçar a conversa.

Num painel moderado pela pastora Celestina Machoe, as oradoras Elsa Machile e Artimisa T. Mucavele, serviram a palavra e conduziram outras mulheres numa viagem marcada pela presença de uma tripulação cheia do espírito santo, com objectivo de unir a mulher de forma clara, objectiva no sentido de partilhar a palavra de Deus, onde discutiram o papel da mulher crista em todas áreas de sua vida.

Entrevistada, a pastora Celestina Machoe, disse que o propósito do café com Deus é partilhar a palavra de Deus de forma prática, simples, audível, de um modo diferente em relação ao domingo.

Por outra, a pastora Celestina disse que, a mulher cristã está a perder a sua identidade, quer na veste, na fala, onde tudo que vem de fora influencia de uma forma muito forte, onde vemos mulheres cristãs envergonhando o evangelho, mas existem outras que buscam intensamente, que inspiram, lutam pelo evangelho, a que tem sido o sal, a luz do mundo, as que acreditam que é possível fazer mudanças no evangelho.



Por último convida a todas mulheres da cidade de Lichinga para continuar firme na busca de Deus, enquanto o mundo ensina a roubar e a trair, a igreja ensina a honrar marido, a respeitar os mais velhos, a honrar a sociedade no geral.

Para as oradoras, Elsa Machile e Artimisa T. Mucavele, foi um grande desafio estar no painel e partilhar a palavra de Deus, uma vez que ela requer conhecimento real, mas com o Espírito Santo nada é impossível, foi tornando o momento cada vez mais interessante ao longo da conversa.

Entrevistadas pela nossa equipe de reportagem, as participantes do café com Deus disseram que, foi uma experiência muito boa, visto que foi algo novo na igreja evangélica visão cristã de Lichinga, o que ajudou muitas mulheres a buscar a palavra de Deus, visto que, a mulher cristã actual está dispersa, precisa de muita busca, de muita oração, de intimidade, de compromisso com a palavra.



Numa conversa bastante animada, as mulheres da IEVC em Lichinga aproveitaram a oportunidade para fazer jogos e confraternizar, marcando assim inicio de uma actividade que se pretende rotineira.



Retorno do Sarau Cultural abarrota o Salão do Instituto Camões em Lichinga



Entre a poesia declamada, conversa, canto, dança e muita animação, a abertura no sábado, 28/03, do 1º Sarau Cultural de 2026 no Instituto Camões em Lichinga, foi um momento de exibição de talentos. Cada timbre de voz ou coreografia, representavam mais do que expressão artística, carregavam saudade e muita expectativa.

Com aquelas presenças, o salão da biblioteca do Instituto Camões, ficou alagado de ecos, da criatividade e da diversidade cultural expressa em cada uma das actuações. O outro aperitivo para o cardápio cultural em exibição, foram as mensagens decoradas de todos géneros literários, que simbolizavam um retorno bastante esperado.

No espaço reservado para conversa com autor, a escritora brasileira, **Ray Santana**, deixou conselhos valiosos para um auditório maioritariamente constituído por jovens iniciantes na escrita. Com dois livros nas prateleiras e outros na forja, a escritora mostrou-se deslumbrada com a entrega e criatividade dos jovens estudantes.



A autora do livro de contos "Convite para Ficar", e o esposo, assumem a escrita como uma forma de expressão de sentimento, que pode surgir da tristeza ou do amor. Para o casal Santana, no mundo onde muitos vêem dificuldades, a literatura ou a ciência, ganham vida, onde na poesia, nos contos, crônicas ou na terra, brotam formas de expressão, convivência ou realidades do dia a dia.

No final do evento ficou a garantia de que a temática sobre o género e outros problemas sociais são de interesse de todos, seja homem ou mulher, jovem ou adulto, docente ou estudante; um verdadeiro compromisso com a escrita do apelo. Fizeram parte do sarau inaugural de 2026, jovens aspirantes a escritores (estudantes do curso de Língua Portuguesa da UniRovuma), docentes, CEPAN, entre outros amantes da literatura.





ENTREVISTA

Alice Castigo Binda Freia: liderança, resiliência e o compromisso com a academia em Niassa



Mulher como tantas outras, Alice Castigo Binda Freia é filha de pais cristãos e trabalhadores. A sua primeira experiência profissional deu-se em Dondo, a cerca de 45 km da sua terra natal, a Beira. Formada pelo Instituto de Formação de Professores, iniciou a carreira docente no Centro Educacional de Dondo, de onde foi posteriormente transferida para a Escola Secundária Mateus Sansão Mutemba.

Revela, no entanto, que não nutria grande paixão pela sala de aula, tendo posteriormente enveredado pela área administrativa na então Direcção Provincial de Educação e Cultura de Sofala. Nesse contexto, conciliou as exigências da burocracia diária com a vida académica, ao ingressar, em 1991, no curso de Licenciatura em Ensino de Geografia, na então Universidade Pedagógica, na cidade da Beira.

"O amor pela educação não foi imediato, foi construído com o tempo."

A académica afirma que o amor pela educação, embora não tenha surgido à primeira vista, revelou-se, ao longo do tempo, promissor, a ponto de a levar a prosseguir os estudos até ao Doutoramento. Ainda assim, nem a trajetória académica fez com que Alice C. B. Freia, PhDa., esquecesse a sua condição de mulher, esposa, irmã e filha de um pai carpinteiro e de uma mãe camponesa. São realidades sociais que faz questão de destacar sempre que é convidada a reflectir sobre o papel da mulher para além do universo académico.

Considera interessante liderar num contexto tradicionalmente dominado por homens. Segundo as suas palavras, *“o trabalho não fala o idioma do género”*, por isso, relaciona-se com mulheres e homens de forma igual, reforçando que, no ambiente profissional, existem apenas pessoas com diferentes caracteres.

“O trabalho não fala o idioma do género.”

À frente da Universidade Rovuma em Niassa, partilha que, ao longo do seu percurso, já tomou decisões que nem sempre foram bem aceites. Algumas foram mais difíceis do que outras. Por isso, não encara como afronta os questionamentos de colegas ou mesmo de estudantes e sublinha que a condição de género não lhe confere o direito de se colocar na posição de vítima. Nos dias de hoje, afirma sentir orgulho e motivação ao testemunhar o crescimento profissional, a transformação de mentalidades e a capacidade das pessoas de passarem a ver a realidade sob novos prismas.



Forjada na academia, a líder destaca importantes conquistas à frente da UniRovuma em Niassa. No seu papel de mãe, manifesta orgulho pelo desenvolvimento profissional do corpo docente: de 4 doutorados (PhD) que encontrou à sua chegada, o número passou para onze, sem contabilizar os docentes transferidos.

Para os próximos três anos, projeta a formação de mais 30 docentes nesse nível. Paralelamente, a redução do número de docentes com apenas o grau de Licenciatura para 13 também constituiu uma das suas prioridades.

Considerando que a academia se sustenta na pesquisa, desde a sua chegada foram criados dois grupos e dois núcleos de investigação: o Grupo de Estudos e Avaliação da Percepção Ambiental e o Grupo de Estudos em Geografia Urbana; bem como o Núcleo de Pesquisa em Educação e Contextualização do Ensino e o Núcleo de Estudos em Ciência e Tecnologia. Essas estruturas têm dinamizado a investigação ao nível da universidade.

"O ensino sem pesquisa, na universidade, não é ensino."

A produção científica também registou avanços significativos. Aquando da sua chegada, o sector se apresentava como um grande desafio. No início, os interessados eram poucos, mas, paulatinamente, o número foi aumentando. A título de exemplo, em 2025, tivemos 45 artigos científicos publicados em revistas e 13 capítulos de livros. Isso deixa-me satisfeita, porque é fundamental para a academia. Segundo Alice, quando temos objectivos traçados e um foco, não podemos desistir. O ensino sem pesquisa, na universidade, não é ensino.

O número de publicações foi acompanhado pela introdução da pós-graduação, em 2021, o aumento e a melhoria das infraestruturas, nomeadamente salas de aula, espaços de trabalho e locais de pesquisa, bem como a aquisição de meios circulantes, são outros ganhos apontados pela académica. Para si, Niassa representa a experiência mais marcante da sua trajetória profissional.

Defende que os estudos desenvolvidos pelos grupos e núcleos de investigação, assim como os trabalhos académicos para a obtenção de diferentes graus, constituem o principal contributo da universidade para o desenvolvimento de Niassa. Para a académica, as potencialidades de Niassa representam uma oportunidade de pesquisa.

"A mulher moçambicana não precisa apenas de ser celebrada, mas deve, acima de tudo, celebrar-se."

No que diz respeito à valorização da mulher, faz uma avaliação positiva do contexto académico, embora reforce a necessidade de autovalorização. No contexto específico da Universidade Rovuma, considera que a mulher é suficientemente valorizada, facto evidenciado pela sua presença em todas as esferas de decisão. Este entendimento também se estende ao Instituto Superior de Desenvolvimento Rural e Biociências - Niassa. Acrescenta que existe uma política de género que favorece a actuação da mulher, embora reconheça que a timidez ainda pode limitar a expressão de algumas.

Nesse sentido, iniciativas como o Webinar e o "Cantinho do Género" têm criado espaços de abertura para a troca de experiências e inspiração, como ocorreu recentemente numa palestra que contou com a participação da Governadora da província de Niassa. Tais ações contribuem para a redução de estereótipos de género.

Para a líder da maior universidade pública em Niassa, a mulher sempre desempenhou um papel fundamental na sociedade. Embora persistam alguns desafios, considera que já conquistou o seu espaço, apontando como exemplo a posição de Governadora de Niassa, um cargo que, em outras sociedades, ainda se mostra impensável para mulheres.

Apesar desses avanços, a violência baseada no género continua a ser uma realidade, sobretudo em comunidades onde a cultura e as crenças permanecem fortemente enraizadas. Por isso, defende que investir na educação da mulher é essencial para que todos compreendam que a mulher moçambicana não precisa apenas de ser celebrada, mas deve, acima de tudo, celebrar-se.





OPINIÃO

REFLEXÃO PÓS EVENTO SOBRE EQUIDADE DE GÊNERO NA UNIROVUMA EM NIASSA-MOÇAMBIQUE



A Universidade Rovuma se apresentou para mim com toda a pompa e glória que o termo lhe confere, um centro de saber e difusão do conhecimento, suas professoras e professores transparecem o orgulho de mestres que são, com todo um legado a transmitir, dos povos ancestrais e adquirido através de muito estudo e dedicação. São empenhados em possibilitar aos jovens o acesso a esse saber, a despeito de sua estrutura de tijolos e equipamentos, carentes de recursos financeiros.

Na Unirovuma, no dia 23 de março de 2026, uma segunda-feira, com clima ameno, tive o privilégio de assistir a uma palestra da governadora da Província de Niassa, mediada pela então diretora, Alice Freia, em referência ao mês de março dedicado às lutas das mulheres. O evento foi organizado pelo Cantinho de Gênero, um espaço dentro da universidade que busca tratar de temas relacionados à valorização da mulher e a equidade. Conduzidos pela jovem estudante Lágrima e a professora Alice Luísa Alberto Pedro. O momento foi permeado por forte emoção em forma de poesia e testemunho de vida.

A senhora governadora, Judite Massengele, a Mamá, como a tratam, mais que a representação de uma rainha me passou a imagem de uma guerreira, quando do relato de sua história que caminhou com a do próprio país.

Órfã de mãe, separada de seu pai e criada por parentes, ainda menina foi enviada para estudar em Cuba, onde fez curso técnico em agronomia, mais tarde em Nampula se formou engenheira agrônoma, uma profissão tida como masculina. Judite atravessou os períodos de guerra pela libertação do país do jugo dos colonizadores e a comoção de seu povo pós morte do então presidente Samora marchel em 1986, passou fome e de necessidades básicas, conciliou a vida matrimonial e profissional e chegou ao cargo de governadora da província.

Sua história de vida foi, para mim, a demonstração de que a mulher tem capacidade para ocupar qualquer espaço e posição na vida, é tudo uma questão de proporcionar-lhes oportunidade e um mínimo de condições para que se prepare, se desenvolva, e claro, dedicação pessoal.

Estar naquele momento em um espaço de conhecimento entre professores e professoras, mestres e doutores, em um auditório repleto de jovens promissoras a ouvirem duas mulheres vibrantes, a então governadora Judite e a diretora da instituição, a sra. Alice Freia me fez vislumbrar uma Moçambique desenvolvida economicamente e com justiça social, especialmente por trazerem à tona, uma temática difícil que está entranhada na cultura do país, na verdade em alguma proporção em vários outros países do mundo, mas que sem enfrentamento não há direitos humanos, não há equidade de gênero.

Em que outro espaço senão na universidade esses temas poderiam ser tratados? A Unirovuma me deixou orgulhosa, assim como no Brasil esse tema é debatido e objeto de transformação social.

Em Moçambique ainda há os meninos e meninas que passam pelos chamados, rituais de passagem.

Os meninos são circuncidados e ao completarem quinze anos, são “emancipados”, ganham um espaço para morar e viver sozinhos, “por sua conta e risco”.

As meninas assim que menstruam, perto dos doze anos, passam por um período em isolamento, longe da escola e de amigos, são instruídas e despertadas por suas mães e tias quanto ao sexo e meios de sedução para conseguirem marido, sobre a vida matrimonial, o cuidado da casa e filhos, como se esse fosse seu único propósito de vida, a escola se torna algo secundário, de menor importância.

Esses rituais, ainda presentes na cultura local, e as mensagens subliminares ainda restantes em muitas sociedades, ditas desenvolvidas, restou claro para mim como um dos motivos do atraso e da disparidade de gênero, onde a mulher é alijada de vida social, de estudo e desenvolvimento profissional.

Na verdade é uma cultura nociva a ambos os sexos, pois o incentivo à formação de família de forma precoce pelos jovens, não concede a eles a maturidade e as condições necessárias à formação de outra criatura, prejudica a capacitação e formação profissional, o que mantém o ciclo de pobreza, afinal a despeito da situação, há outras bocas para alimentar. Sonhos são interrompidos, estudar se torna uma possibilidade distante devido às demandas do dia a dia, enfim, é uma tradição prejudicial ao desenvolvimento da sociedade como um todo.

Em se tratando do ser humano - mulher, a questão é cruel, ela é privada de existência, na medida em que é educada para servir unicamente como esposa e mãe. É privada da liberdade de escolha, de horizonte, é discriminada caso fuja da regra. O homem é seu senhor. Isso se reflete em todos os setores da sociedade, suas tarefas não são reconhecidas como valor, é mal paga, quando se é; é sempre subalterna, submissa e desprestigiada, não importando o quão inteligente e capaz ela seja, exigindo um esforço sobre-humano para que se sobressaia, muitas vezes se violentando, ao ser obrigada a conciliar suas múltiplas funções, se quiser existir.

Esse debate é pertinente e urgente em todo o mundo, caso os países queiram evoluir enquanto civilização e as mulheres tem um importante papel em não deixarem retroceder nos poucos direitos conquistados em algumas sociedades, à custa de muito suor, sofrimento e lágrimas devido à luta por condições de existência, sobrevivência e valorização no mundo do trabalho quanto à equidade de gênero.

Ao longo do tempo o dia 08 de março foi instituído como o Dia Internacional da Mulher, suas lutas, conquistas e reivindicações são celebradas em mais de 100 países. É fato que em muitos outros países, as demandas da mulher são ignoradas, por isso há muito por fazer.

Mulheres como as que vi em Moçambique, me fazem ter esperança para a mulher do futuro.



COLUNA

NO DJANDO

TRÊS GERAÇÕES

Por Luís Madaba



É de pequeno que se torce o penino – diz um adágio popular – muito popular – sublinhe-se.

Os primeiros sinais fora da esfera familiar começaram a ser visíveis na escola, na aula em que a professora fazia mistura das letras, para fazer um sumo de consoantes e vogais, com essa mistura fazer um delicioso néctar em forma de sílabas.

– as sílabas da letra W não são muito usadas na língua portuguesa, porém se usam como por exemplo, para escrever Wilson, Washington..., são muito usuais na língua inglesa – respondeu a professora Jerusa a pergunta da pequena Chikonde, aluna de um ano mais velha em relação a classe que frequentava, a 1ª classe, depois de notar que a professora ensinara o som silábico de outras letras do alfabeto sem se referir ao som das letras W e Y, mesmo estando presente na mistura.

Para além de ousada e desafiadora, Chikonde apresentava com frequência, dúvidas, muitas delas sem nexos, excepto a das letras W e Y. Era maníaca, incentivava as outras meninas a indisciplina e, quando entendesse sair da sala durante as aulas, não pedia permissão.

Na adolescência, a personalidade rebelde desta faixa etária, exacerbou a anterior personalidade dela, viver a margem do comum, começaram a aparecer na vida da Chikonde, pequenos furtos.

Os adultos fora da esfera familiar, professores, vizinhos, conhecidos – divergiam quanto a sua personalidade. Uns viam-na como ousada e de personalidade que vence crenças limitantes construídas por uma sociedade e ou família, outros, viam-na como de uma personalidade amoral e previam um futuro sombrio. O tempo passou, a idade e a rebeldia ganhou mais dígitos e, os pequenos delitos também aumentaram em múltiplos e qualidade, transcendendo a esfera familiar, que era composta por avó e mãe, antes por estas – mantidos em segredo e num cofre trancado a sete chaves, nem se sabia do seu passado. Chikonde nunca soube da existência ou do paradeiro do seu pai, se era fruto de barriga indesejada, estupro, prostituição e ou de pai incógnito, ninguém sabe.

O gosto pelos bens alheios, adquiridos sem esforço e de forma fraudulenta era sua principal característica e – depois de muitas idas e voltas, de esquadra – casa, vice-versa, por delitos feitos nas residências alheias, furtando galinhas, preferencialmente galos, talvez por serem mais corpulentos, conseqüentemente com alto preço no mercado – são sempre machos a serem sacrificados.

Chikonde, tinha uma mestria que se confundia com chamariz e ou cola para pegar os galos que depois, vendia-as cinquenta por cento abaixo do preço do mercado, nunca ficava sem dinheiro – uma mulher bonita como eu, não deve sofrer – dizia ela as amigas assim que procurassem saber onde tirava tanto dinheiro.

No início da idade de responsabilidade criminal, o primeiro caso de furto que chegou as autoridades, não terminou na esquadra, parou numa unidade prisional da cidade – depois que o procurado deu aval a acusação.

e – com os antecedentes criminais descritas na sua ficha criminal, mesmo sendo estreante no banco de réus, o juiz decidiu mantê-la por três meses nas celas do sistema prisional, para uma possível reabilitação. E, três meses se foram, mas Chikonde, mesmo de laranja, não mostrou em nenhum momento, remorso ou sinal de preocupação por lá estar. Era peixe na água, sentia-se no seu habitat.

Expirada a pena, nada mais restava as autoridades que cumprir a lei – restitui-la à liberdade, porém, para Chikonde não havia liberdade fora das celas, um mês depois, estava ela de volta, desta vez por venda e consumo de drogas.

Na unidade de reclusão, não faltavam programas reabilitativos que incluíam visitas, de entre familiares, magistrados, dirigentes de organizações sociais comuns e religiosas, como forma de chamar a razão a Chikonde e outros detentos para a mudança comportamental. Embora os

aconselhamentos servissem de combustível para Chikonde experimentar crimes mais graves que os anteriores.

- Os conselhos são bons e não posso dizer que me ofendo por ouvir isso, porém, não posso dizer que não vou voltar a cadeia – comentava Chikonde, sempre que ouvisse sermões de crentes de uma confissão religiosa.

Nos apelos, eles diziam – Irmãos, abandonem o mundo do crime, arrependei-vos e se prostrem para Deus, ele perdoa a todos os seus filhos.

E, depois de um trabalho aturado das autoridades prisionais, na décima vez em que a Chikonde foi detida, revisando registos históricos, descobriu-se que a Chikonde, primeira filha de Achumanilá, que há vinte anos, junto da Achelewe, sua falecida mãe, que na época popularmente conhecida como Apiteraide, havia sido detida e condenada

trinta meses de prisão efectiva por venda e consumo de droga e por transformar sua residência em casa de jogos de azar. Sendo a Chikonde na época menor de idade, com apenas dois anos e não ter alguém com condições para cuidar dela fora da unidade prisional, também passou estes trinta meses na companhia de sua mãe e avó, sem conviver com crianças iguais.

Três gerações, semelhante personalidade, uma única cela e destino, como descrito em êxodo 20:5 e 34:7. Afinal, a infância da Achelewe, foi também conturbada, de pais alcoólatras, expulsos da sua aldeia original acusados de feiticeiros.





DEVANEIOS

MB#LO – BISANI

A PURIFICAÇÃO MASCULINA

Por Cê-N'dogo (Euse Patrício)

- *Dá licença! Hoodi!*

Desde que as *nyanjás*, as *makhuwas* e as *jawas* de Muchenga começaram a vender aguardentes de cana sacarina, de bambu ou de farelo, Lichinga ganhou o vício de retenção de homens em esquinas com ruas sem saída, onde casados ou não, escalam tentando espremer a sua masculinidade, com o pretexto de procura da melhor gula, já que, *pico tira-se com pico*.



O baluarte incendeia as vicissitudes dos homens que, para além de consumirem o tontônto, as guinas de Muchenga aliciam-nos com o seu petisco de marapala – pele de cabrito e as donzelas levianas da banda, que mesmo tomadas, nunca deixam ofuscar-se a sua beleza apimentada de maquilhagens. O batom e o verniz de cores berrantes de manjano, típicas da nossa terra, são um íman. O batom de manjano quando combinado com as vestes de muthiyana orera, sequestram qualquer homem de manda – mola cheia.

Isso mesmo! As manas daquelas ruas sem saída, embebedam-te ao extremo, dão-te de comer e quando revelas o cansaço, enfiam-te mais uma que te leva a uma soneca fogosa. Dirigem-te a um bom dormitório. Enquanto dormes, tiram-te as roupas e são mergulhadas para lavar. Autêntico cola-tudo e permaneces mais tempo naquela casa, até que a sua manda – mola se esvazie.

- Durma papá! Sinta-se em casa!

Aquelas manas são educadas, passaram do *nsondo* – ritos de iniciação feminina, ali onde ensinam-nas a tratar bem aos homens. Não são marandzas casualmente. Gastam o pouco que têm, para cativarem-te a gastar mais ou a regressar ao local mais vezes, como se dissessem: uma mão lava a outra. O meu amigo Silvino, que acabava de chegar de *Namikhopo*, teve a sorte de naquele dia calhar com uma *nyanja natural de Metangula, Bairro de Seli*. As de Seli são puras por excelência; carinhosas por natureza; são “um paraíso” em pessoa, condimentadas pelos hábitos do Lago Niassa. Silvino nunca passou sequer uma semana sem pisar no *Mb#lo* – *bisani*, sobretudo naquelas semanas de salário. Fazia isso sempre, até que uma vez pernoitou naquelas ruas sem saída durante três dias. Foram dias de bonança, requintados pela *manyanja de Seli*. Porque a manda – mola respirava, foram consumindo comidas finas; já se tomava chá com pão.

O alface é daquelas baixas do quintal, ali onde lavam pratos. Sobretudo pratos de petiscos de *marapala*. No terceiro dia, quando apenas migalhas pingavam da manda – mola, Silvino espanta-se com a mudança de comportamento da amiga: dava-lhe pouco tempo, havia mais espaço para novos clientes – com manda – mola cheia. Deixaram de mergulhar as suas roupas. Mas elas ainda não tinham enxugado. Lá para às dez horas da manhã, fingiu padecer de cabeça e dormiu naquela esteira de caniço, enquanto outros homens bebiam e recebiam o calor da *manyanja*.

- **Kaaka amenewo! Não há problemas, deixem-no dormir. Ele é meu irmão mais velho! Tranquiliza a manyanja.**

O Silvino, que fingia dormir, foi ouvindo repetidas vezes essa expressão. Parecia refrão de um salmo responsorial em tempo de quaresma. Ao despertar, a sua *manyanja* já não se encontrava no local. Os homens presentes não lho-davam satisfação. Coincidentemente, único homem ausente era aquele de manda - mola cheia que acabava de chegar. Perguntou às *makhuwas* e às *jawas* que vendiam *kabanga*; disseram-lhe que a sua preciosa tinha ido ao mercado ver *bonya* e macarrão para o almoço. Nessas terras de *Cê - Mataaka* é perigoso revelar o paradeiro de pessoas circuncisadas. Deixem que o parceiro descubra sozinho.

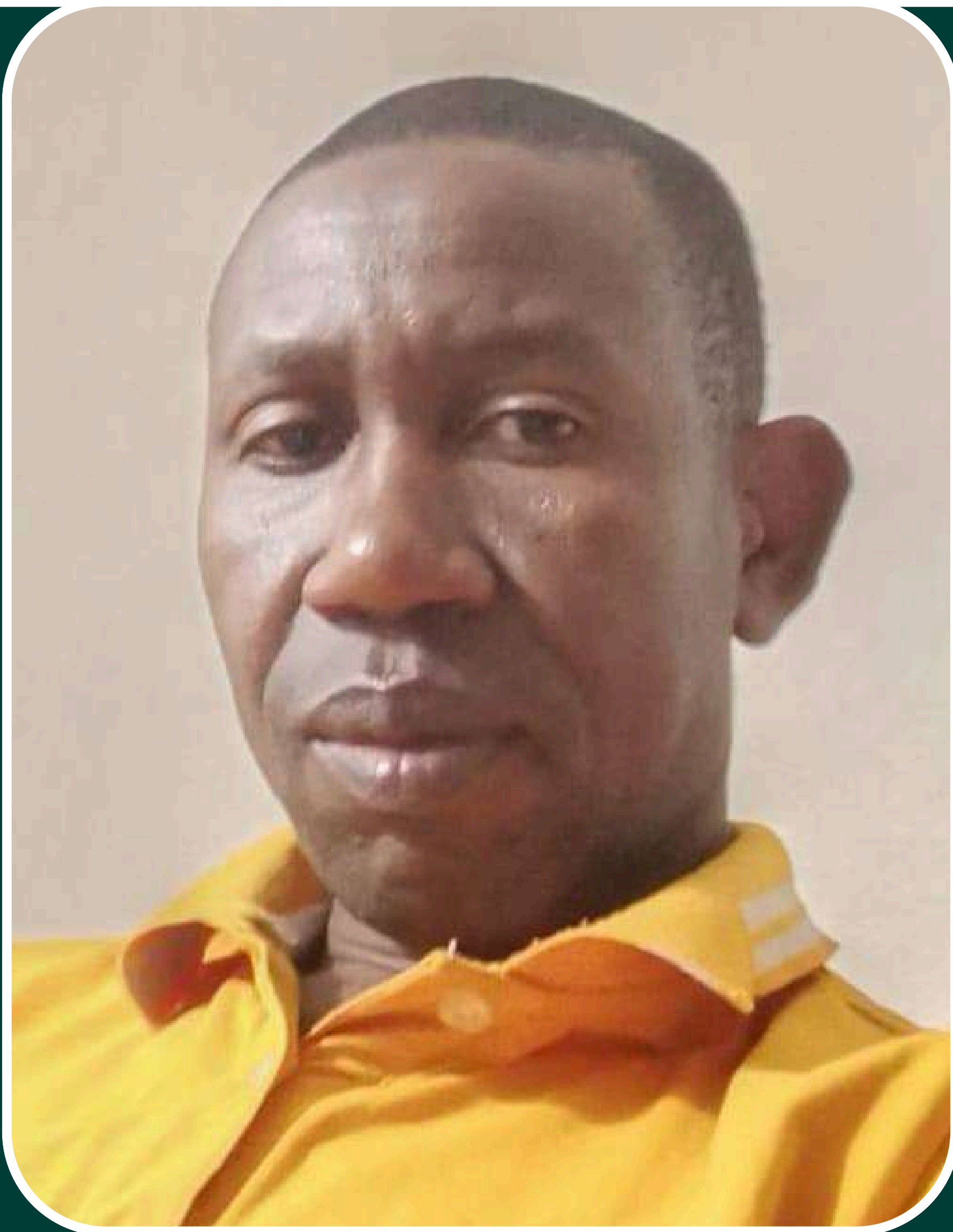
Tenta ligar para a sua amada, o telefone não chamava. Foi espreitar na cozinha e na casa de banho, infelizmente. Decide espreitar na casa pequena, ali onde a *manyanja* guarda carvão, panelas de *kabanga* e patos. Logo na porta, ouviu murmúrios; pareciam homens fofocando, balbuciando, sussurrando e resmungando. Insistiu espreitar o canto. No canto mais escuro, na escuridão mais profunda. Viu a *manyanja* amarrotada como se um embrulho se tratasse. Ainda ouvia os rugidos entre o embrulho e as paredes de matope molhado - típicas de Muchenga. Perdeu a voz; é mudo; perdeu os braços e não gesticula; mas perguntou se havia viventes ali; talvez usara a cabeça.

- Não há problemas, continua. Kaaka amenewo! Ele é meu irmão mais velho!

Murmurou calmamente a *manyanja*; uma calma educada que suaviza as almas ao ritmo das fofocas, do balbucio, do sussurro e do resmungo que saía daquela casa de matope molhado de Muchenga. Sim! Aquelas manas são educadas, passaram do *nsondo*. Até breve, no *Mb#lo - bisani!*

A FÁBRICA E OS ESPÍRITOS DA TERRA

Por Daniel António Marcos



Eram dois homens cansados. Não da caminhada de regresso a casa, dessa já estavam habituados. O cansaço deles era da alma, um peso que se carrega nos ombros quando se pressente que o chão vai tremer. E em Nipepe, naqueles dias, o chão tremia. Não era terramoto. Era o ronco dos primeiros motores, o brilho do aço da nova fábrica de grafite a rasgar o horizonte verde e calmo do distrito.

A primeira de grande magnitude. Ali, no coração do Niassa. O progresso tinha chegado, diziam. Mas para aqueles dois homens, sentados à sombra de uma árvore enquanto a tarde morria, o progresso tinha a cara das incertezas. E o nome dessa incerteza era "viente".

- Ouve o que te digo- murmurou um, o pai do professor. A sua voz era um fio de cuspe e tabaco. - O meu filho, que é professor, bem formado, quer tentar a sorte na fábrica. Eu avisei: "Vai, mas se levares a tua esposa, ela pode não voltar com vida. Eles te dizem: 'Aqui não tem mulher! Nós que estamos aqui não somos mulheres?'". Sacudiu a cabeça. - Se o homem não se curvar aos costumes, volta sem juízo. Fica aleijado, num carrinho. Parálítico. Para quê? Para nunca mais ter função.

O outro homem, o pai da cozinheira, suspirou fundo, um som que parecia vir de um poço de tristeza. A filha dele tinha voltado. Tinha ido trabalhar como cozinheira para os patrões chineses, os "brancos" da fábrica. Voltou ao fim de uma semana. As mulheres da terra foram ao encontro dela. Não lhe bateram, não lhe gritaram. Disseram apenas, com a doçura venenosa de quem manda uma flecha: "Filha, se queres viver, é melhor arrumar as tuas coisas e voltar para a tua terra." E ela voltou. Amedrontada, com os olhos grandes de quem viu um fantasma.

- Afinal, que desenvolvimento queremos? - O homem cuspiu a pergunta para o chão. - Os donos da terra pensam que a fábrica é uma machamba. Que podem plantar os seus e colher os frutos. Mas tu achas que uma fábrica funciona só com os da terra? Achas mesmo? - O tom era de desafio. - Para operar aquelas máquinas é preciso engenheiros, pessoas formadas. De onde? De Nipepe? Ainda não. Vão precisar de gente de fora, os "vientes". E aí, o que vai acontecer?

Os dois homens ficaram em silêncio, a olhar para o nada. O silêncio foi preenchido pela memória de outras histórias. Coisas de Nipepe. O pai do professor lembrou-se da rádio comunitária. Lembrou-se de um locutor novo, uma voz bonita que punha música e alegrava as tardes. Uma semana depois de começar, o rapaz morreu. Bebeu água depois de estar em antena, engasgou-se, deu um soluço e pediu para irem com ele a casa. Morreu nos braços de quem o levava. Disseram que foi feitiço. Por causa da inveja de uma voz. Se por uma voz matavam, o que não fariam por um salário? Por um cargo de chefia?

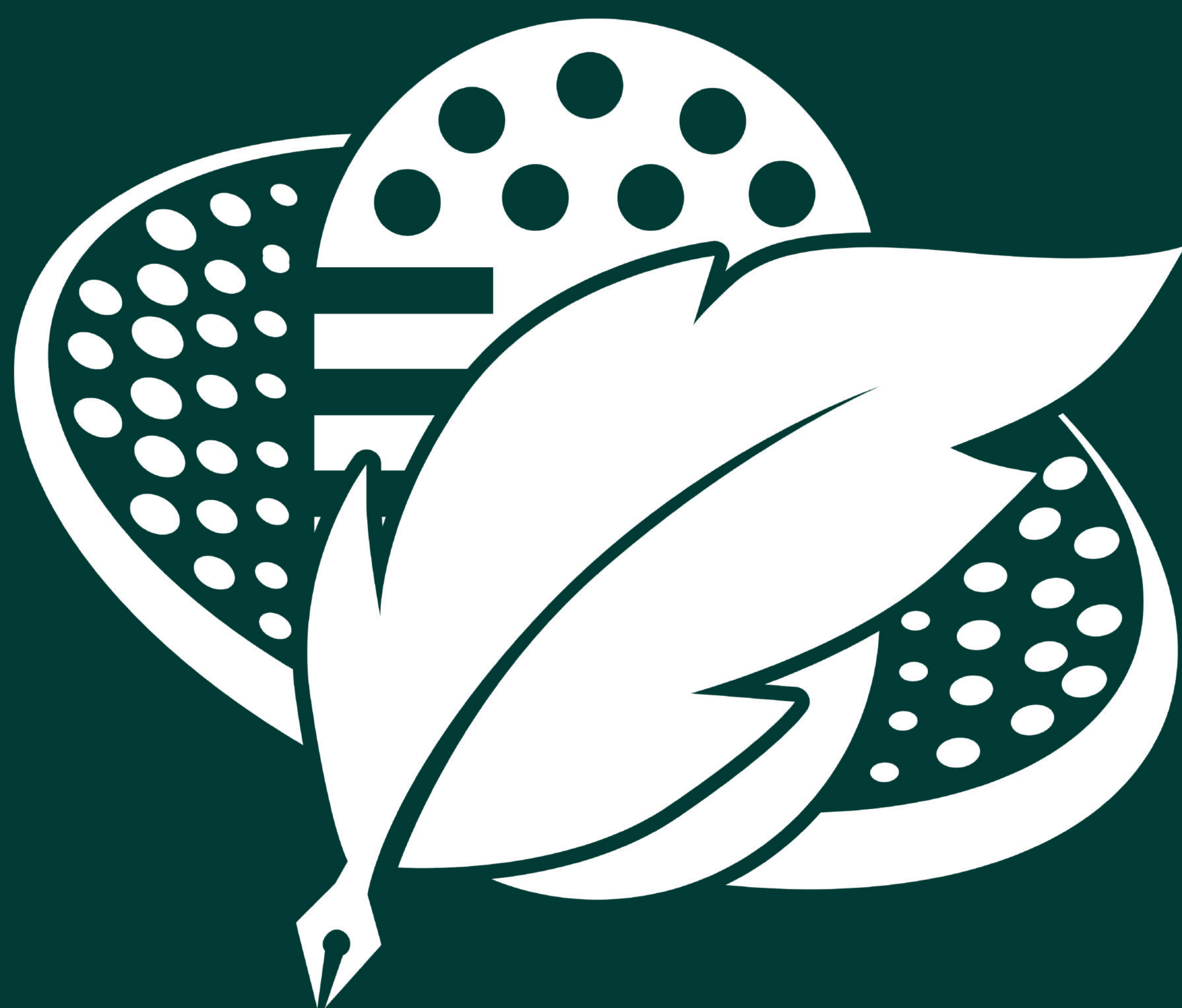
- Já há quem tenha ido ao portão da vedação. - Sussurrou o outro homem, como se as árvores pudessem ouvir. - Tomaram banho no meio do portão de noite. Giraram o quintal inteiro com magia, nus, para que o chefe chinês gostasse deles e lhes desse poder.

A fábrica ainda nem tinha aberto as portas a sério, e o feitiço já andava no ar, mais espesso que a poeira das obras. O aço e o cimento enfrentavam agora o seu primeiro grande obstáculo: não era a falta de estrada, nem a burocracia. Era a sombra antiga, o medo do "viente", a crença de que o progresso alheio é uma maldição para quem fica.

- Aquilo ali não vai funcionar- sentenciou o pai do professor, com uma certeza de quem já viu muita coisa. - Vai-se morrer por cargos mesquinhos. Vai ser a desgraça. Drogas. Matança. Eles estão avante, a dizer que não querem ninguém de fora. É triste. É muito triste.

O sol já se tinha posto. Os dois homens ergueram-se com a lentidão de quem carrega um mundo nas costas. Despediram-se com um "boa noite" seco e seguiram, cada um para o seu lado, engolidos pela escuridão que descia sobre as palhotas.

Fiquei ali, imóvel, a conter a respiração. Tinha ouvido a sentença do futuro. E pensei na minha própria sorte. Naqueles dois homens que, com os seus passos lentos e a sua sabedoria amarga, me entregaram, sem saber, esta história. Uma história que ainda agora começa. Não me venham dizer que é desinformação. É só esperar para ver. O ronco da fábrica ainda vai ter de aprender a cantar afinado com os espíritos da terra. Ou então, o silêncio voltará a ser a única música de Nipepe.



ESPECIAL MULHER – HOMENAGEM

CACILDA FERNANDO: O NOME QUE ABRIU CAMINHOS EM NIASSA



Das vivências firmes de quem aprendeu cedo a resistir, nasce uma mulher que transformou desafios em direcção. Cacilda Francisco Fernando, de 32 anos, mãe solteira de dois filhos, carrega no olhar a força de quem lidera não apenas entre as quatro linhas, mas sobretudo na vida. Ser mãe e chefe de família nunca foi tarefa leve, mas, como ela própria afirma, *"nada é complicado quando existe paixão, coragem e determinação"*.

O seu percurso é também feito de raízes sólidas. A conquista da licenciatura não foi apenas um marco académico, mas um testemunho de apoio familiar. "Consegui terminar graças ao meu pai e à minha mãe, que sempre me apoiaram. Se não fossem eles, não sei o que seria de mim", reconhece, com gratidão que se sente nas palavras.

Antes de qualquer título, houve luta. Durante anos sem emprego formal, encontrou na arbitragem um caminho e, mais do que isso, uma missão. Foi em 2016 que deu os primeiros passos neste universo exigente, onde cada decisão carrega peso e cada apito exige precisão. Com dedicação, disciplina e persistência, mergulhou no estudo e interpretação das 17 leis do jogo, construindo o seu espaço com mérito.



Hoje, o seu nome escreve história: Cacilda Fernando é a primeira mulher árbitra internacional (FIFA) da província do Niassa, um feito que ultrapassa o desporto e se inscreve no campo da representatividade. Num espaço tradicionalmente dominado por homens, a sua presença afirma que competência não tem género, tem trabalho.

Uma vida marcada por futebol, onde muito antes da profissão gerou renda, familiaridade, companheirismo e afecto, cerejas num bolo cuja habitação e o meio de transporte, são veículos que alimentam esperança e sonhos. E confidencia *"o momento mais alto da minha carreira foi no jogo da CAF em Mali."*

O processo de formação, segundo conta, foi fundamental. "Foi muito bom. Tive instrutores que me acompanharam até alcançar a categoria de FIFA. Sou muito grata por acreditarem no meu potencial e no meu trabalho." Cada etapa foi construída com entrega total, numa caminhada onde o reconhecimento veio como consequência da consistência.

Em conversa com a UPILE, Cacilda partilha não apenas a sua trajectória, mas também um apelo que carrega propósito:

"Às mulheres, digo para não desistirem dos seus sonhos. Continuem a acreditar naquilo que querem ser. Nunca parem de sonhar. E convido todas a virem em massa para a formação de arbitragem."

Entre a vida e o campo, entre o apito e o silêncio das decisões, Cacilda Francisco Fernando constrói mais do que uma carreira, constrói um legado. Um caminho que, hoje, já não precisa ser aberto... porque alguém teve a coragem de começar.

Texto: Ana André Mitawa.

VERA RUTH: A POETISA DAS CAUSAS SOCIAIS



Das terras históricas de Ngungunhane, roçando ainda que de leve a brisa do Índico, chega-nos uma estória e percurso de vida, de uma mugaza, cristã, devota; peregrina entre os submundos do activismo, da poesia e da comunicação, nos dias actuais, faz da mentoria e liderança, sua *life style*.

O mundo trata-a por Vera Ruth. Pariu da sua primeira escrita "O Choro de Um Fecto", que abandonado a própria sorte, encontra na poetisa, o amparo que lhe faltou na sua parturiente.

Vera, a partir da Macia, desafia os atalhos mentais da sua proveniência ou do endereço, inspira mulheres e meio mundo. Com um forte engajamento digital, para a poetisa, as visualizações não são meros números, são pessoas e tem sido desafiador sentir a repercutição dos seus trabalhos, sobretudo pelo activismo sobre as lutas da mulher.

A sua trajectória não foi imune a estereótipos das origens. Afirma ter visto portas se fecharem por conta da sua localização actual e por ainda não estar em condições de abrir mão dela. Revela força de vontade e foco nas suas acções, pelo que nada faz o seu mundo estremecer.

"As vezes o facto de ser Mugaza fez me perder algumas oportunidades, por isso nem todos serviços posso ir atrás e continuo perdendo, porque há trabalhos que não posso aceder pelas actuais obrigações."



Apesar disso, há quem reconhece e valoriza o trabalho acima de qualquer endereço. A cada dia que passa ganha noção do impacto de suas criações. Os números nas plataformas digitais expressam uma parte desse reconhecimento, entretanto, encontrar as pessoas, aquele calor humano sempre surpreende, e essa experiência faz lhe duvidar sobre o real alcance.

"Palavras não são só palavras. São vida, honra, compromisso. Escrevo para que as pessoas lembrem se disso. Poucas vezes escrevo o que penso, sobre meus desejos ou minhas paixões. Escrevo sempre para as pessoas."

Vera Ruth assume a escrita e comunicação como parte do seu propósito. Escreve porque alguém precisa da sua escrita; comunica porque alguém precisa que ela se comunique. Cada um tem seu propósito, o da Vera, é falar com, para e sobre pessoas. Seja por escrita, através da comunicação ou por vídeos. Ela, escreve para lembrar as pessoas que tudo passa.

A autora d'"O Choro do Fecto", defende que, a poesia é um instrumento para poder alcançar as pessoas. Um instrumento de cura. Um abraço. Um serviço. Através da poesia, ela serve, abraça e faz chegar amor a quem precisa. Faz poesia para inspirar mais mulheres na luta pelo que acreditam, mas acima de tudo, para uma sociedade que avalie o trabalho pela qualidade, não pela condição de gênero.

"Gostava que as mulheres pudessem ser mulheres, sem medo das consequências de serem mulheres."

Mas essa luta data desde o ensino médio, onde criou uma comunidade para palestras nas escolas. Foi assim que ela deu os primeiros passos do mundo do activismo, despertando as mulheres dos traumas na escola ou nas comunidades no geral.

ORADORA E MESTRE DE CERIMÔNIAS

Vera Rutte

DISPONÍVEL PARA EVENTOS:

- CORPORATIVOS;
- SOCIAIS;
- CULTURAIS...

#TRANSFORMANDO OCASIÕES ESPECIAIS EM
MEMÓRIAS INESQUECÍVEIS.

FAÇA JÁ A SUA MARCAÇÃO:

+258 86 65 25 709

+258 85 23 27 110

veradireto@gmail.com

"EU SOU A ROSA DE SAROM, O LÍRIO DOS VALES"



Daquela iniciativa de uma adolescente, formou-se um movimento ainda maior, o ERSOLV, inspirado no livro bíblico Cantares 2:1. O ERSOLV, presta apoio, acompanhamento e assistência académica, desenvolvimento pessoal e questões de violência, assédio de mulheres jovens e adolescentes.

Mas a sua vida não é apenas feita de poesia de combate. É filha, irmã, amiga e profissional. Sente a dor na carne, mas, também se alegra pela vida que tem, e para isso serve a dona Orciete Ngovene, que mais do que mãe, é sua luz e maior inspiração. E nesse planeta de luz e sombra, para Vera, não cabe nenhum idioma de igualdade de género. A mulher cabe-lhe o papel de adjutora, entretanto, um valor crucial para formação da sociedade ou direcção do ser humano.

Fora do seu tempo, Vera Ruth, apesar dos poucos 22 anos, diz ter experimentado várias conquistas. A DictaLab caminha nessa direcção, onde o desenvolvimento pessoal, profissional e comunicacional das pessoas, a comunicação consciente e liderança são uma ferramenta de autoconhecimento e confiança. Porém, o dia a dia da sua liderança, a posição de Directora Comercial da Rádio, a profissão, são alguns dos feitos que saltam a vista. Ainda assim, não cacareja para falar da maior de todas. E segura, afirma: a maior e a mais valiosa de todas conquistas, foi ter levado cristo ao coração de alguém.

Ambiciosa de medida celestial, a mugaza da Macia, quando perspectiva os próximos 10 anos, vê se uma mulher muito feliz, não por realizações que lhe confirmam contas chorudas, mas pelo berço da sua fé em cristo. Ainda assim, na pele ou carne dos ambulantes do planeta terra, traça metas não ao alcance de qualquer profissional. Um dia, vê se maior comunicóloga, mentora e líder dos PALOPs.

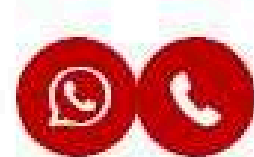
PUB.



**NÓS SOMOS O CENTRO DE EXPLICAÇÃO
E REFORÇO ESCOLAR AMIGO DO SABER**

**A MAIS DE 5 ANOS CONTRIBUINDO
PARA UMA EDUCAÇÃO MELHOR**

- Alfabetização(leitura, escrita e números)
- Apoio Pedagógico
- Acompanhamento/Reforço Escolar
- Auxílio nos TPC's
- Preparação para as provas
- Aulas de Inglês
- Actividades Lúdicas
- Educação Cívica e Ética
- Aprendizagem por experiências e valores
- Artes, música e muita diversão
- Tecnologia e inovação na sala de aula



+258 87 868 3588
+258 87 868 3588



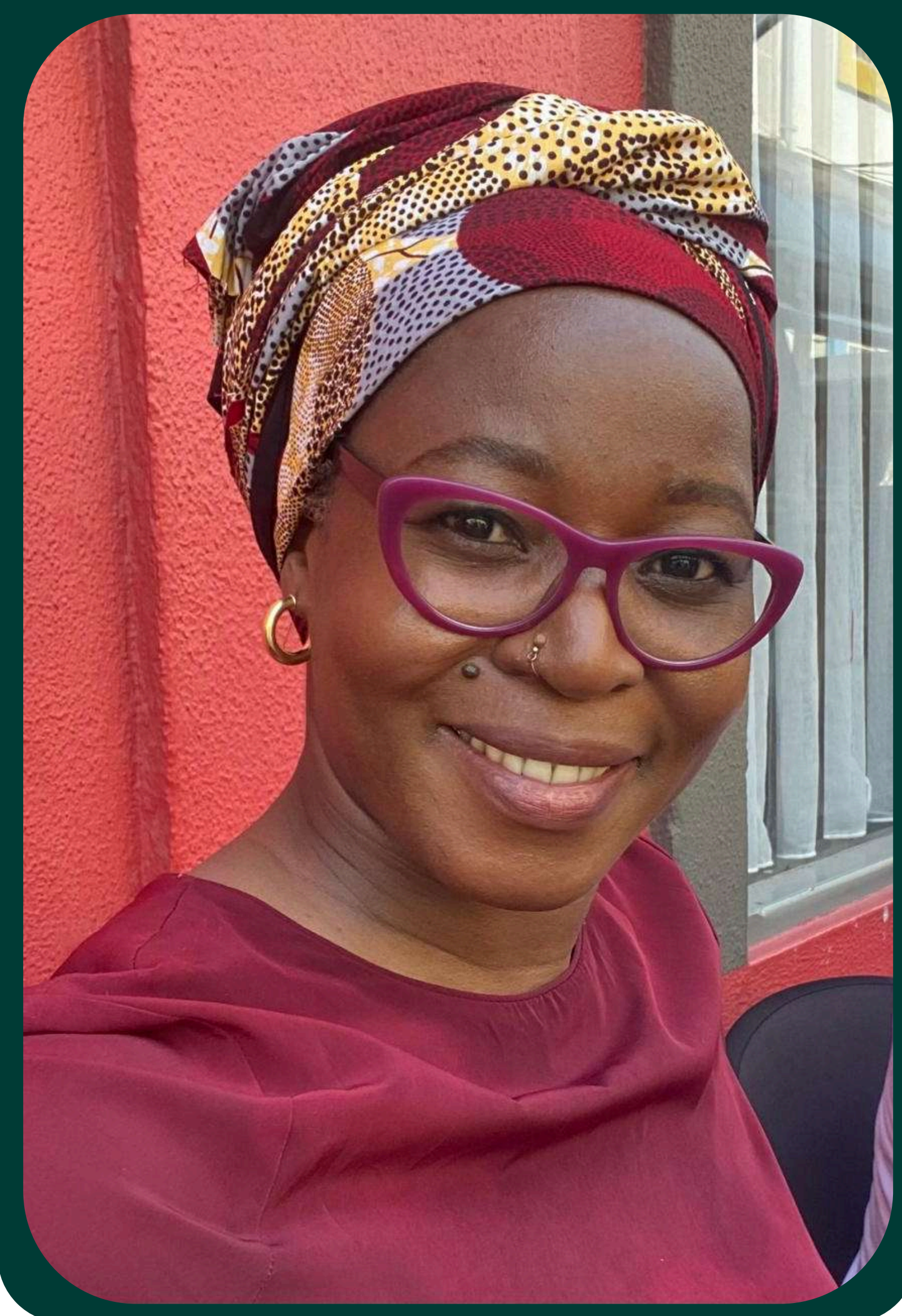
Lichinga- Bairro popular
Av. Filipe Samuel Magaia



CENTRO DE EXPLICAÇÃO E REFORÇO
ESCOLAR AMIGO DO SABER

MARIA ATÁLIA: A MULHER DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS TEATRAIS

Uma autoridade, com voz e perfil para falar da arte de encenação em Moçambique. **Maria Atália Adamugy**, é uma actriz e encenadora de gabarito internacional, cuja paixão pelo Teatro transcende os palcos. Desde os 13 anos que respira a arte como a carne necessita do alimento e na formação académica também fala o idioma do Teatro.



Dedica a vida à arte, o seu percurso, revela o encanto na entrega do melhor de si para a plateia e cada abraço representa mais do que contacto ou calor humano, mas um momento de exaltação da vida. Guarda o cordão umbilical em Gaza, mas em Maputo, reside o destino de todo regresso após qualquer viagem pelo mundo.

A Docente nas cadeiras de Encenação e Teatro Contemporâneo na Universidade Eduardo Mondlane, presta serventia a uma arte que embora difícil, considera possível viver-se dela em Moçambique, como um borracheiro ou alfaiate vivem dos seus ofícios. Bastante desafiador, mas é um privilégio ser actriz ou mesmo actor no país, um lugar onde é preciso fazer tudo valer a pena e assumir os desafios para levar a arte às pessoas e estar atendida para projectos e temáticas de interesse nas comunidades ou em feiras.

Para Maria Atália, o Teatro requiere um trabalho de 24/24h, pesquisa, entrega e fazer se da plateia para assistir os outros e com eles aprender.

E é nesse espírito que soluça para apontar o momento mais marcante de sua carreira, onde recorda com prazer e saudade a primeira aparição em um filme, por estar mais habituada ao teatro, a adaptação às câmeras não foi fácil, entretanto com tempo veio o aprendizado e hoje tanto na TV ou cinema, sente-se um cruzeiro velejando pelo alto mar.

Na sua trajetória fala de desafios, mas também de experiências marcantes. A convivência, e partilha de métodos de criação e palcos com actores comumente vistos em TV, foi inspiradora. A presença em festivais no Brasil ou em lugares como Alemanha, onde despertou interesse de actores locais, foi fundamental para o seu crescimento. Mas levar o teatro às comunidades, onde a plateia ocupa todo tipo de assento e faz das árvores, tribunas ou ver pavilhões abarrotados nas escolas, até mesmo sentir se imersa no meio de uma nuvem de gente após actuação, considera um sentimento nostálgico.

A Co-fundadora da Companhia de Artes Mahamba, fala da valorização da mulher no mundo das artes em Moçambique, e adverte: *"é preciso conquistar o lugar com conhecimento, fazer valer as oportunidades. Ninguém devia ocupar uma posição de destaque pelo género, isso funciona para ambos sexos. O mérito deve ser a base. Sinto-me valorizada no que faço e no lugar onde pertenço, não apenas por ser mulher, mas por ser profissional."*

Para a actriz dos filmes "O Lobolo" e "A República dos Meninos" ou da mediática telenovela moçambicana "Maida", tem mulher bastante e supertalentosa no teatro moçambicano, embora falte a continuidade porque ao longo do percurso surgem outras ambições ou profissões, o que leva muitos a relegar o teatro a um hobby.



"O teatro não vai te dar riqueza material, mas vai te enriquecer espiritualmente. Em Moçambique, o teatro não tem produtores ou gestores. Os agentes em Moçambique só estão preparados para gerir carreiras de músicos e isso obriga os fazedores de teatro a serem artistas e gestores ou empresários, simultaneamente."

Para a actriz, encenadora e docente de Teatro a melhor forma de celebrar 27 de Março, Dia Internacional do Teatro é fazendo Teatro. O teatro celebra se fazendo. É preciso sentir teatro. Pensar novas temáticas e despertar interesse público para assistir o teatro, para garantir sustentabilidade dos grupos.

Sobre a sobrevivência dos grupos fora da capital, entende ser um problema geral, pois mesmo em Maputo, são poucos que vivem o dia a dia dos palcos e partilha que já esteve em Niassa, onde formou um grupo de teatro em Nipepe. E aponta como solução o financiamento da arte, porque as pessoas abandonam o teatro em busca nas outras artes de formas de sobrevivência.

MADALENA MGOCO- A RAINHA DE MESSUMBA (LAGO NIASSA)

Nascidas aos 03 de Julho de 1966, na aldeia de Mbamba, em Messumba, apesar de ar de sua graça banhar as margens do Lago Niassa, onde sua figura representa um poder mítico. Filha de Barnabé Mgoco e de Luísa Ngaliamao. o seu pai e a sua mãe pertenciam ao grupo etnolinguístico chewa. À semelhança de alguns grupos etnolinguísticos que compõem o mosaico sociocultural moçambicano, o grupo Nyanja é matrilinear. A sucessão e a herança são feitas por via uterina, e em alguns destes grupos, os casamentos são aspectos considerados importantes para se ascender a elevado estatuto social e assim gozar de privilégio dentro da comunidade.



Madalena Mgoco é casada com Senhor Ntucula. Neste contexto sócio cultural teve quatro filhos: Tomás Saide, Arminda Jorge, Esperança Eduardo e Glória Barnabé. Vive da pesca e agricultura. A partir da pesca, a população conseguia obter outros víveres indispensáveis para a sua sobrevivência. Refira-se que, no Lago Niassa, existem diversas espécies de peixe, mas os mais predominantes são: tchambo, utaka, usipa, kampango, ndjila, Chindongo e mais.



O artesanato constitui uma outra actividade económica complementar aos rendimentos dos agregados familiares. O pai da Madalena Mgoco destacou-se, igualmente, no fabrico de bens de uso doméstico, como camas e cadeiras artesanais na base de khwambala e remo (nkhafi).

Frequentou o ensino primário na República do Malawi, tendo concluído a quarta classe no ano de 1974 e, em 1975 após o repatriamento e reabilitação ela fixa-se na sua zona natal Mbamba. Actualmente Madalena Mgoco encontra-se no povoado de Mechumua, exercendo assim o cargo de Rainha Massumba 9ª, com três anos na liderança em 2025.

Nesses anos do seu reinado, Madalena Mgoco, inspira outras mulheres na luta pelo bem estar da sua comunidade, mas acima de tudo, com o seu exemplo de liderança elas acreditam que a condição de género não é bastante para limitar a ascensão de qualquer que seja natureza.



ENTRE VERSOS

MULHER

Por Alice Luísa Alberto Pedro

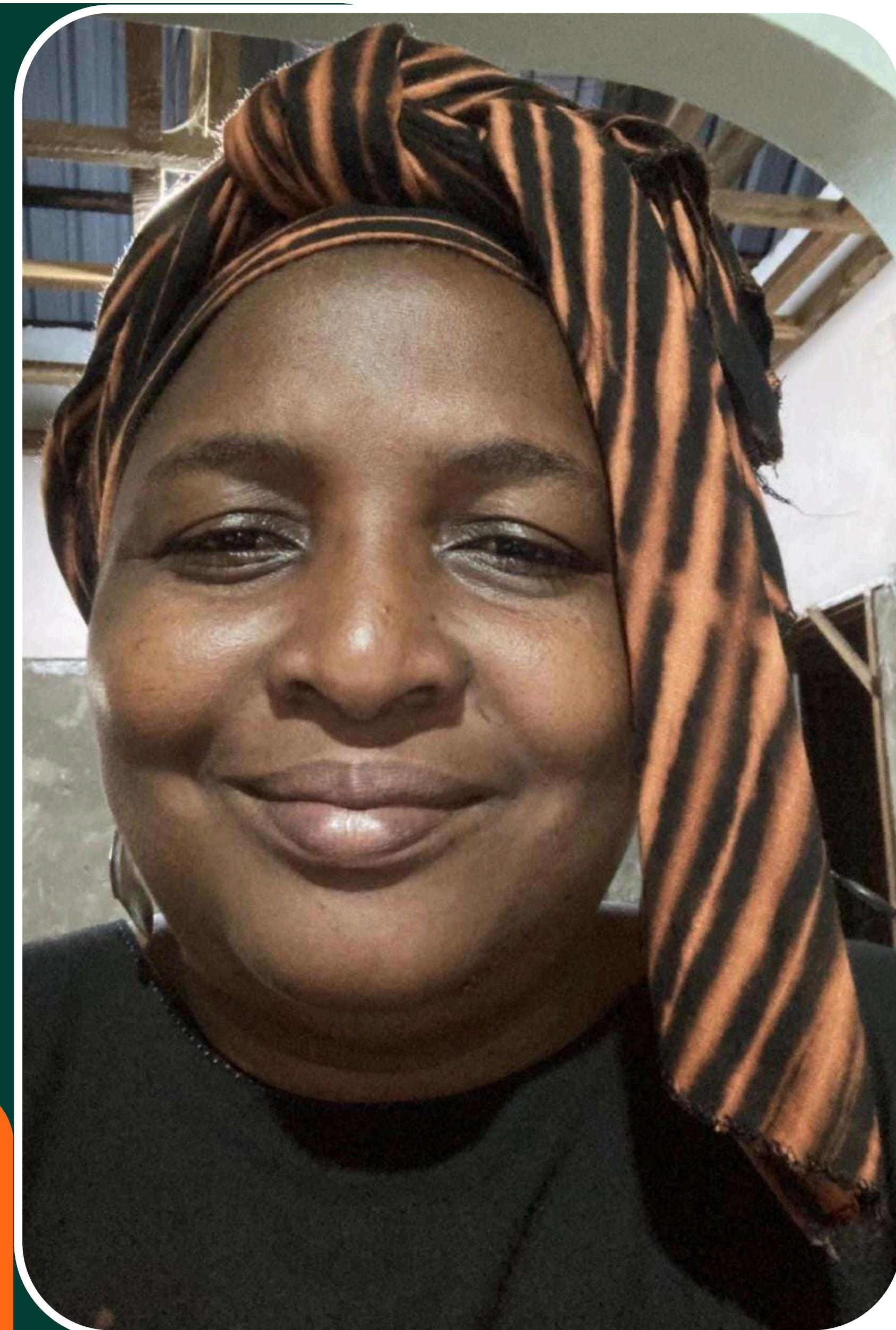
Tu conheces a tua identidade
A tua personalidade é forte
Porque a teu lado
Está um grande homem.

És uma grande mulher
Porque um Cireneu encontraste
Com generosidade sem limites
Porque sabes dar-se com alegria.

És uma grande mulher
Porque a tua vida sempre foi anónima
E de pequenos nada, constróis a tua vida
Para fazer feliz o outro.

Mulher, berço da vida e da humanidade
De doação, amor
Lute pela tua dignidade
Para que o mundo te dê o valor que mereces!

Da tua beleza se enamora o rei
A tua alegria contagia o mundo
E o teu sacrifício santifica o Homem
Avança, Deus está contigo.





MINHA BIO

GRUPO CULTURAL CATIGONGO



Das terras do planalto de Kutchinga, um grupo de mulheres encanta na voz e no balançar das cinturas, decorradas de capulanas, encarnando na dança, maior atração. Em homenagem a cultura bandeira de Lichinga, feijão, o grupo se intitula Catigongo, termo de origem Ciyao, da região norte de Moçambique, província de Niassa, que significa feijão-verde.

Como dança, Catigongo data do século passado, quando as camponesas a praticavam nos finais de colheita agrícola e ritos de iniciação feminina, simbolizando alegria e acolhimento. E, durante os 16 anos de guerra civil, a dança parou de ser praticada, e veio a ser retomada em 2011, por um grupo de mulheres da cidade de Lichinga.

Em 2014, 30 mulheres se juntam e formam um grupo cultural, inicialmente denominado Glória Amido, onde no canto e dança, relembram memórias do percurso histórico da heroicidade de mulheres guerreiras. Em 2018, torna-se Grupo Cultural Catogongo e hoje, ultrapassa a noção de grupo, acolhendo idades que superam números. Os 90 anos da mulher mais velha e os 17 da mais nova, são disso um exemplo de compromisso e passagem de testemunho.

Em 2025, provou o sabor dos palcos do Festival Nacional da Cultura na provincia de Tete. E porque todo sucesso tem preço, nos dias actuais, o material de trabalho (batuques e capulanas), local de ensaio, são algumas das dificuldades passadas pelas guerreiras de catigongo.



Dignas de verdadeiras guerreiras, quando os palcos escasseiam, as mulheres de catigongo vestem-se de empreendedoras para suprir as necessidades que a arte falta.

Actualmente, Catigongo supera a noção de grupo cultural. As guerreiras reinventam-se a cada dia, respiram ar de Associação Cultural Catigongo e abriu-se espaço para o genero masculino, embora com uma presença ainda timida. Assim vão contribuindo para valorização e imortalização do Património Cultural Imaterial.



